

A PRÁTICA ESCOLAR E O ESPORTE NO ENSINO SECUNDÁRIO EM SÃO PAULO NOS ANOS DE 1950

Prof. Ms. Luiz Fernando Costa de Lourdes
Centro Universitário Padre Anchieta – Jundiaí/SP

RESUMO

Este estudo de cunho historiográfico analisa ações pedagógicas de Antonio Boaventura da Silva, um intelectual da Educação Física cuja atuação deu-se promovendo práticas de ensino do esporte nas aulas de Educação Física, e no desenvolvimento de campeonatos colegiais na rede de ensino secundário no Estado de São Paulo. Este professor teve um papel importante na disseminação de idéias e práticas desta disciplina em São Paulo e no Brasil admitindo-se a hipótese de que suas ações reverberarem significativamente na conformação da Educação Física como disciplina escolar. Na trajetória de construção desta pesquisa examinou-se um extenso corpus documental composto de fontes de diversas espécies, tais como: documentos do acervo pessoal, correspondências, anotações de aulas, originais de palestras, recortes de jornal, anotações de leitura, projetos; documentos oficiais referentes ao cargo de professor da Escola Superior de Educação Física de São Paulo e da diretoria da sessão técnica Departamento de Esporte e Educação Física de São Paulo nas décadas de 1930 e 1950, um conjunto de cartas, fotos, recortes de jornal; Registros dos conteúdos dos cursos ministrados tanto no exterior, quanto nas diferentes divisões e departamentos de Educação Física nos estados brasileiros. A partir da categorização e da análise dos documentos foi possível reconstituir a sua trajetória social e itinerário de formação e detectar a sua rede de sociabilidade, para com isso conhecer o campo de conflitos e de projetos ligados à formação de professores. Para esta comunicação objetiva-se apresentar a análise das prescrições de práticas pedagógicas e dos campeonatos colegiais realizados na década de 1950 na cidade de São Paulo que espelham de forma significativa as práticas da Educação Física do período, dado que este professor era referência na formação de professores. A condução da pesquisa foi inspirada em proposições J. F. Sirinelli na qual considera professores atuantes, como foi Boaventura, intelectuais, já que desempenham um papel importante na disseminação de idéias e práticas de uma disciplina e de um campo teórico hipótese sustentada a partir de evidências observadas nas incursões aos documentos do acervo que mostram, por exemplo, que nos anos 1950 houve significativa participação das escolas nos campeonatos colegiais. Pode-se afirmar que neste período o envolvimento das escolas secundárias é significativo, o Departamento de Educação Física estava estruturado, seu corpo de inspetores havia crescido e a adesão ao projeto do campeonato e das demonstrações tinha uma marca mais característica do projeto compartilhado por Boaventura e seus pares na Educação Física. Boaventura se articulava com outros professores da área para organizar os eventos públicos de educação física. Por todas essas evidências a pesquisa justifica-se e busca contribuir com a história da conformação da área da Educação Física dialogando com as pesquisas voltadas para esta questão.

Palavras-Chave: Antonio Boaventura da Silva, Prática escolar, educação física, ensino do esporte.

Introdução

Neste artigo, apresenta-se a análise de alguns dispositivos utilizados em São Paulo para a difusão de projetos educacionais de Educação Física e a participação importante nessas ações de divulgação do professor Antonio Boaventura da Silva, ou seja, a promoção de práticas de ensino do esporte nas aulas de educação física e a relação entre os campeonatos colegiais e os cursos de aperfeiçoamento técnico e

pedagógico em Educação Física ministrados e realizados no Brasil, Argentina, Chile e Uruguai.

Boaventura deixou em seu acervo pessoal vestígios que permitem refazer sua trajetória e entender o sentido de suas concepções e práticas à luz do momento histórico. O exame dos acervos do Arquivo Público do Estado de São Paulo e da Associação dos Professores de Educação Física de São Paulo (APEF-SP) indica que ele teve um papel importante no desenvolvimento da Educação Física, das décadas de 1940 a 1970.

Os objetivos gerais deste artigo é refletir e apresentar as possíveis relações existentes entre o ensino do esporte nas aulas de educação física, os campeonatos colegiais e os cursos de aperfeiçoamento técnico pedagógico que marcaram a trajetória de Boaventura. Bem como apreender as concepções fundamentais sobre a Educação Física apresentadas no curso, as bases teóricas, ideológicas e os padrões estrangeiros que fundamentaram essas visões, e a partir destes as práticas pedagógicas desenvolvidas e suas repercussões na área.

Este artigo faz parte do trabalho de mestrado apresentado no programa de de estudos pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade da PUC de São Paulo, sendo assim inspirado nas proposições de E. P Thompson de que os sujeitos se constituem no domínio das práticas sociais, devendo considerar as relações as quais eles se vêem vinculados, as que são legadas e as ações, dinâmicas e contraditórias, que promovem em conjunto, bem como nas teorias de J. F. Sirinelli a qual considera professores atuantes como intelectuais, já que desempenham um papel importante na disseminação de idéias e práticas de uma disciplina e de um campo teórico, a proeminência de Antonio Boaventura na “militância” da Educação Física pôde ser desvelada a partir da apreensão da sua trajetória e itinerários, o qual foi possível explicitar as suas redes de sociabilidade no contexto da Educação sul-americana entre os anos 1940 e 1960¹.

O referido professor participou de comissões para a definição do projeto nacional de Educação Física, representou o Estado de São Paulo no cenário internacional e nacional da área, organizou e ministrou diversos cursos em países e estados brasileiros, promoveu a discussão e o debate das bases teóricas da Educação Física no estado de São Paulo, assim como o debate sobre o Desporto na Universidade, contribuiu para a ampliação da Educação Física na América Latina e Brasil.

Considera-se este educador um intelectual mediador, uma vez que sua presença, no cenário da Educação Física na América do Sul e em São Paulo principalmente, deu-se não só pelas obras publicadas, mas por ser ele um introdutor, pelas próprias práticas e pelo ensino, de idéias que se estabeleceram na Educação Física no período de sua atuação. Em seu campo de atuação, elaborou, transmitiu conhecimentos e valores que permearam a Educação Física e a escola, obtendo o reconhecimento social de seus projetos e de suas convicções pela legitimação por parte de seus pares, instituições, agentes de formação, bem como do público alvo. Da dissertação de mestrado para esta comunicação foi selecionado as ações pedagógicas no ensino dos esportes nas escolas públicas do Estado de São Paulo, os campeonatos colegiais e os cursos de aperfeiçoamento técnicos e pedagógicos, uma de suas ações para a adaptação ao Brasil de modos de pensar e praticar a Educação Física de outros lugares do mundo.

Boaventura foi o primeiro e o principal organizador dos cursos técnicos e pedagógicos de Educação Física (1950-1960) realizados em sua maioria na Escolástica Rosa (uma escola pública), na cidade de Santos. Também eram chamados de Curso Internacional de Santos ou Estágio Internacional de Santos. Os cursos ocorriam anualmente, eram gratuitos² e de forma semelhante foram realizados em diferentes

partes do estado de São Paulo, em estados brasileiros e países sul-americanos variando em sua regularidade.

Os documentos atestam que Boaventura assumiu, em 1948, o cargo de Diretor Técnico do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. Qual era a sua importância e dimensão no DEFE-SP?

A seção técnica organizava o estudo e o estabelecimento de padrões pedagógicos, desenvolvia requisitos técnicos exigidos para as Escolas de Educação Física que surgissem, fazia estudos técnicos para construção de espaços para as diversas práticas das atividades físicas e da Educação Física, ordenava as exposições de ginástica e torneios esportivos, além de acompanhar o desenvolvimento esportivo no estado de São Paulo, fiscalizava a Educação Física nos estabelecimentos oficiais e particulares, expedia pareceres sobre os casos de habilitação de profissionais formados por instituições nacionais ou estrangeiras (SÃO PAULO, 1934).

Dessa forma, a seção técnica era a materialização de uma das funções do Departamento de Educação Física, que era organizar e controlar as atividades. Boaventura permaneceu no cargo até 1954, quando solicitou a dispensa da função, por ter divergências com o Diretor Geral do departamento daquele período, o Professor Mario Nunes de Souza.

Uma das principais ações de Boaventura enquanto esteve à frente da seção técnica do Departamento foi a organização, colaboração e participação dos cursos de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico, realizados na Cidade de Santos, na Escolástica Rosa³. Segundo a certidão funcional em Maio de 1950, “Foi designado para estudar e elaborar um projeto de reforma dos Serviços do Departamento de Educação Física e Esportes” (DEFE-SP, 1966, p.5)⁴. O Departamento estava passando por uma reforma estrutural, até mesmo de seus objetivos em relação à Educação Física, e assim, Boaventura e os demais dirigentes deveriam reorganizar o DEFE-SP.

Em 1949, Boaventura foi à “II Língua⁵” como representante do Estado de São Paulo, fato de fundamental importância para que se entenda uma de suas relações. Na Suécia, o professor toma contato com agentes de diferentes instituições de Educação Física de outros países, como o Professor Curt Johansson, do Instituto Real Central de Ginástica de Estocolmo, e o Professor Auguste Listello, dirigente do “Institut des Sports” da França. Destaco estes dois professores, pois no ano seguinte vieram ao Brasil apresentar suas propostas para a área.

O primeiro curso de aperfeiçoamento de professores do estado de São Paulo teve a presença de Auguste Listello, que trouxe a proposta do sistema de Educação Física Esportiva Generalizada⁶. No ano de 1952 o professor Curt vem ao Brasil e além do curso em Santos ministrou um curso de extensão na Escola de Educação Física de São Paulo.

Em junho de 1952, no curso de aperfeiçoamento técnico e pedagógico de Santos, Auguste Listello escreve uma apostila que é distribuída aos participantes, intitulada “Princípios da Educação Física Esportiva Generalizada”, em que relata um pouco da origem da Educação Física esportiva generalizada. No período do pós-guerra, a direção geral da juventude e dos esportes da França reuniu as diferentes federações esportivas a fim de criar um “Sistema de Educação Física no qual os esportes fossem dignamente representados, proporcionando aos jovens franceses uma justa compensação das suas necessidades”. O Instituto Nacional de Esportes foi o órgão responsável pela tarefa, tendo sido criada uma seção de Pedagogia Esportiva, conduzida por Listello, “Mr. Clerc e Mr. Crenn”.

Pela incursão realizada aos documentos sobre a Educação Física Esportiva Generalizada, pode se observar que os trabalhos eram voltados ao coletivo, havia

preocupação em articular as necessidades da criança com a atividade física. A disputa e a competição eram fundamentais para a motivação nas aulas, o caráter competitivo estava presente como conteúdo e forma das sessões, a ginástica era incluída e dividida por objetivos fisiológicos, estéticos ou morfológicos e não como um padrão de Educação Física, desfigurando-se os padrões ginásticos.

Essa proposta da Educação Física Desportiva Generalizada, deflagrada durante o curso internacional de Santos, foi apropriada de diversas maneiras, não se configurou como um projeto de Educação Física “Nacional” como alguns intelectuais almejavam, mas foi um padrão amplamente difundido e aplicado nas aulas de Educação Física do Brasil e América do Sul.

Foi verificado que alguns trechos da apostila foram anotados por Boaventura durante o curso de aperfeiçoamento técnico e pedagógico e dispostos em itens, como neste trecho manuscrito, em que se indica o que deveria ser um diferencial desse padrão:

5 – Substituir os exercícios executados por obrigação, pelo exercício executado por prazer ou por necessidade imperiosa.

6 – Sabendo –se que o ser humano recebe o influxo, a influência da escola somente durante uma parte de sua vida (1/6 aproximadamente) desejamos que o adulto no interesse de sua saúde, continue a praticar voluntariamente durante toda a sua vida.

7 – Os métodos na França, como nos estrangeiros, tornaram-se inoperantes em virtude de não terem levado na devida consideração o fator psicológico.

No trecho da apostila, encontra-se da seguinte maneira:

Os princípios da Educação Física Esportiva Generalizada, experimentados no Instituto Nacional de Esportes, se propõe proporcionar uma atividade corporal espontânea a milhares de jovens de ambos os sexos que não conhecem a satisfação do esforço físico do domínio de seu corpo e da exaltação (expressão) do seu ser. Por isso, levando-se em conta nossa experiência, a Psicologia da juventude e os conhecimentos filosóficos e científicos atuais, queremos *substituir o exercício executado por obrigação, pelo exercício executado por prazer ou ainda executado por imperiosa necessidade.*

Por outro lado, *sabendo-se que o ser humano está sob a influência escolar somente uma parte de sua vida (1/6 aproximadamente), desejaríamos que o adulto, no interesse da sua saúde, continui(sic) a prática voluntariamente (espontaneamente) durante toda a sua vida, por hábito, por necessidade ou por prazer.*

Se tantos métodos, tanto na França, como no estrangeiro, tornaram-se inoperantes, é porque não levaram na devida consideração o fator psicológico, que é um elemento preponderante.
[grifos meus]

Não foi a primeira vez que Boaventura viu-se às voltas com o discurso da continuidade da Educação Física após a vida escolar do sujeito. Ele próprio buscou ações neste sentido, como foi discutido no capítulo anterior, em sua primeira experiência internacional, em 1945, no curso de especialização em Educação Física, Saúde e Recreação na Universidade de Michigan. Em entrevista para um dos jornais que fizeram a cobertura na época, diz:

A Escola deve proporcionar ao indivíduo, do curso primário ao universitário, oportunidades suficientes para a prática e aprendizagem do maior número possível de atividades físicas que venham mais tarde ser continuadas espontaneamente, mesmo fora dos limites da esfera escolar⁷.

A experiência nos Estados Unidos da América, segundo o seu próprio relato, foi singular para apreender questões sobre a organização, planejamento e políticas públicas para a Educação Física, e de como o objetivo maior desta área, não era o ensino do movimento em si, mas a formação plena do indivíduo. Na apostila de 1952 há um trecho em que diz: “[...] desejamos que a educação moderna exerça sua influência ao mesmo tempo sobre o corpo, sobre o espírito, sobre o carácter e mesmo sobre o senso social, ou melhor, que ela englobe o indivíduo como todo”, ou seja, seis anos mais tarde de suas observações para o jornal, tem contato com uma proposta que ia ao encontro de suas concepções.

Os pressupostos da Educação Física Esportiva Generalizada eram que seus exercícios não fossem cerceadores da “iniciativa” e “responsabilidade” dos alunos, que limitassem ou ajudassem a vencer as dificuldades nas aulas, que os alunos pudessem avaliar seus resultados em face de outros companheiros. Ressalta o texto “que, aliás, são diferentes, não nos esqueçamos”, buscassem desde cedo a convivência em grupo, “[...] no decorrer de atividades que provocam conflitos que é preciso resolver de acordo com a idéia que os homens fazem da justiça[...]”.

Os planos elaborados de educação física e esportiva têm suas bases nos jogos, a “sã” emulação e a competição coletiva “[...] se aplica melhor à massa de uma forma generalizada, do que apenas, a grupos privilegiados. Isso, entretanto, não quer dizer que abandonamos esses grupos selecionados”. Tais características deveriam ser observadas, dirigidas e adaptadas à idade, às necessidades e aptidões do indivíduo. São duas etapas da educação esportiva em que se divide a “Educação Física Desportiva”: a primeira etapa seria a de iniciação esportiva generalizada ou especializada, e a segunda, de treinamento esportivo generalizado ou especializado.

As finalidades da Educação Física Esportiva eram livrar as crianças de sua inatividade, de sua indiferença pelo esforço físico, integrar o sujeito a alguma coletividade, valorizando a pessoa, pensando que o esporte e a educação física “não é um fim, mas um meio de formação e preparação para a vida em geral”. Sendo assim, a iniciação esportiva, forma elementar de educação esportiva, deveria visualizar a realização simultânea e sucessiva através do movimento corporal da

- 1º. Iniciação à vida social e coletiva, por meio do jogo e da competição esportiva elementar entre equipes;
- 2º. Iniciação ao esforço progressivo e dosado em relação a idade e as possibilidades fisiológicas da criança e do adolescente;
- 3º. Iniciação à técnica, isto é, a forma do gesto correspondente a um determinado esporte.

Segundo este padrão de Educação Física, a iniciação começaria aos 6 ou 7 anos sob forma de jogo, sendo que ao adolescente e ao adulto a necessidade de atividade seria do esporte. O padrão não deveria se prestar à procura sistemática e exclusiva de sujeitos fisicamente bem dotados, mas deveria oferecer a oportunidade de educar e melhorar a todos indistintamente.

Por iniciação à vida social por meio da educação física desportiva considerava-se a capacidade de desenvolver nos alunos o “espírito de cooperação e associação – finalidade de uma verdadeira educação humana,”. Entendia-se que aprender a controlar seus impulsos, os maus instintos, e ter o domínio sobre si mesmo, não deveria ser aos 18 ou 20 anos, mas na infância, pois, “no transcorrer dos jogos que revelam seu caráter, criam conflitos que precisam ser resolvidos equitativamente [...] Vemos, assim quanto é importante o papel do educador”.

À iniciação ao esforço, o padrão preconizava que fosse orientada de forma lenta e progressiva, tratava-se, sobretudo de desenvolver qualidades como destreza de

velocidade, de impulsão, de flexibilidade, de equilíbrio e de coordenação dosando e fracionando a intensidade favorecendo a recuperação de forças.

A iniciação ao esforço não tem apenas um aspecto físico e fisiológico, ela deve participar igualmente na formação caráter. O fato de se medir com seus semelhantes no decorrer da competição coletiva elementar, desenvolve energia e a vontade, assim como o sangue frio, a decisão e o espírito de disciplina.

Entendia-se por Iniciação técnica a aprendizagem de gestos específicos de cada modalidade esportiva, podendo promover a concentração, atenção e força de vontade entre seus praticantes. A repetição era um dos fatores importantes para se criar o automatismo, que poderia ter um rendimento mais eficaz. No padrão constava que as crianças de a partir dos 10-12 anos teriam o interesse pelo desenvolvimento da “técnica pura”, ou seja, pelo aprimoramento do gesto esportivo.

No texto se resume que “[...] uma boa iniciação esportiva generalizada ou especializada, é possível manter o interesse dos alunos e criar a necessidade do hábito do exercício”, percebe-se que, para inculcar o hábito de se exercitar no aluno após sua vida escolar só seria possível se ele ou ela ao longo de sua passagem pela escola sentisse e percebesse a necessidade da atividade física.

Cada sessão ou lição tinha seu caráter definido:

1º. A lição de Educação Física Esportiva Generalizada divide-se em quatro partes correspondente a evolução psico-fisiológica do individuo e possuindo eventualmente uma predominância correspondente às necessidades das pessoas as quais se destina;

2º. A lição de Iniciação Esportiva Especializada compreende um aquecimento, um estudo técnico individual e um estudo de adaptação dos atletas ao jogo de equipe;

3º. A lição de Treinamento Esportivo Generalizado na qual a intensidade e a dificuldade variam de acordo com o grau de evolução dos atletas e que compreende, como a sessão de educação esportiva em quatro partes;

4º. A sessão ou lição de Treinamento Especializado própria aos esportistas que se destinam as competições oficiais.

Não é possível dar neste resumo, as características destas lições cujo esquema é, aliás, clássico.

Por essas definições sobre cada lição ou sessão de Educação Física Desportiva Generalizada, conclui-se que não era o mesmo tipo de atividade dentro da escola, mas preconizavam-se diferentes caminhos para o trabalho escolar. Provavelmente, o que se buscava estabelecer em âmbito escolar seriam a primeira e a segunda lição, e as outras lições almejava-se realizar fora da escola, ou seja, em clubes, praças e associações desportivas.

O documento também apresenta a classificação dos exercícios, reforçando que são de características psico-fisiológicas e não exclusivamente fisiológicas, como se havia feito até então na Educação Física. Esse reforço é importante, pois incide sobre a maneira de se dar as aulas e sobre o corpo do aluno, enquanto que o sentido de outrora da Educação Física se destinava exclusivamente ao corpo e tinha por objetivo somente melhorar ou conservar a sua estrutura, dirigindo-se apenas ao aspecto físico. Contrariamente, a Educação Física Esportiva Generalizada entendia que incidia o trabalho sobre o corpo, espírito, caráter e o “senso social”.

Assim eram classificados os exercícios:

- 1) Exercícios instintivos ou naturais e os jogos, isto é:

- a) Os movimentos elementares ou instintivos naturais e globais correspondentes às necessidades individuais, terão como objetivo a liberação e a descoberta;
- b) Os jogos livres ou dirigidos (jogos mímicos, sensoriais, intelectuais, gímnicos e os grandes jogos).
- 2) Os exercícios preparatórios ou de formação corporal: Esses pertencem a ginástica ou cultura física clássica. São as necessidades dos que indicam (apontam) sua predominância, sua forma e sua intensidade. Sua ação é estrutural e de conservação da forma. Tem um objetivo de obrigação e submissão. Seu valor educativo é indiscutível.
- 3) Os esportes coletivos:
 - a) Basquetebol, handebol, vôlei, hóquei, rúgbi e pólo aquático;
 - b) Tênis, ping-pong, pelota vasca, etc; Esses esportes completam a socialização iniciada no decorrer dos jogos, graças ao respeito à regra e ao adversário (leis morais). Demonstram a necessidade da cooperação e da união para alcançar sucesso.
- 4) Os esportes individuais: Natação, atletismo, nele compreendidos a marcha, aparelho de halterofilismo, esportes que desenvolvem a personalidade e podem ser praticados individualmente.
- 5) Os esportes de combate: Luta (livre e Greco-romana), Box inglês, Box francês, cabo de guerra e esgrima, esporte em que o homem está às voltas ao mesmo tempo com uma força física, uma inteligência ou um caráter que trata de dominar.
- 6) Esportes para o ar livre ou de exterior: Remo e seus derivados, ciclismo, alpinismo, esqui, equitação, tiro esportivo, pesca, tiro ao arco, etc. O campismo e o escotismo são atividades de grande valor educativo, mas que não podem ser considerados esportes, desde que não estejam imbuídos de espírito de luta e de competição.

Estas propostas são elaboradas no âmbito de uma instituição que congregava diversas federações esportivas, assim, seria de se considerar que as diversas modalidades estivessem presentes e justificadas no projeto de Educação Física Esportiva Generalizada. No documento, por diversas vezes seguem-se recomendações para o professor de Educação Física, por exemplo, estar atento as questões das necessidades psico-fisiológicas de seus alunos, que a iniciação dos adolescentes ocorresse em diferentes esportes e não apenas um único esporte, que o educador conhecesse a “fundo três esportes tomados de três categorias diferentes” e utilizá-los em função:

A) Das pessoas às quais se destinam (idade, qualidade, sexo);

B) Dos objetivos a alcançar: saúde, caráter e civismo;

Possuindo-se estes dois elementos básicos, de um lado o vigor do corpo e do caráter e de outro lado a formação moral e social, obter-se-á o rendimento no trabalho, qualquer que seja a orientação do mesmo: manual, intelectual, técnico, militar, científico ou artístico. Cabe ao educador escolher com bom senso os exercícios ou esportes susceptíveis de alcançar os objetivos que tem em vista.

As sessões de Educação Física Desportiva Generalizada duravam de 45 a 50 minutos, e eram divididas em aquecimento, formação corporal, agilidade e virilidade e por fim aplicação esportiva. Os trabalhos eram realizados em grupo, não havia o trabalho individual, como nos padrões ginásticos de outrora, os alunos eram divididos em pequenos grupos e com diferentes níveis de habilidades, as atividades eram apresentadas em forma de competição. O caráter lúdico estava presente na forma de pequenas disputas intergrupos e entre os grupos.

No plano de lições de Educação Física Esportiva Generalizada, datado de maio de 1955, os organizadores Auguste Listello e Antonio Boaventura planejaram atividades para crianças, adolescentes e jovens de 10 a 17 anos. A primeira parte da aula se resumia a diversas formas de “aquecimento”, discriminadas como “Exercícios de efeito higiênico, preparação articular, muscular e nervosa (atenção, reflexo)”. Como diferentes formas de caminhada, ora ritmadas ao som de palmas sem combinação de movimentos, ora com combinação de movimentos, o ritmo variava de acordo com o que estava por vir nas fases posteriores. A segunda parte da lição era denominada de “parte formativa”, e aqui os exercícios eram de alongamento, flexibilidade, relaxamento, desenvolvimento muscular e força. A previsão de duração dessa parte era de dez minutos, aproximadamente. Cada subitem indicava um número que correspondia ao número do desenho na apostila de formação corporal e agilidade. Por exemplo: 21 – Dois a dois, em afastamento lateral “A” com o tronco flexionado, segurando os quadris de “B” apóia as mãos nas omoplatas de “A”, Extensão do tronco, com insistência.

A terceira parte da aula consistia em situações de desafios propostos entre as equipes. Os exercícios eram para o desenvolvimento da agilidade e da energia (efeitos sobre o caráter). Traçando um paralelo entre o plano de Listello e Boaventura e o de Jacintho Targas, neste tópico apresentava-se da seguinte forma:

Listello e Boaventura: III - exercícios de agilidade e virilidade (se trata da confiança em si e da coragem)

Jacintho Francisco Targas: 3ª. Parte – exercícios de agilidade e audácia (desenvolver a audácia, confiança em si pelo domínio do corpo, gosto pelo risco, etc).

A quarta e última parte da sessão eram as aplicações esportivas. Estavam previstos os esportes coletivos, individuais, de combate, atividades em que as situações de jogos estavam presentes, como a disputa entre equipes e a cooperação entre companheiros para atingir um objetivo maior, um objetivo do grupo.

Para Boaventura a Escola deveria proporcionar ao indivíduo, do curso primário ao universitário, *oportunidades suficientes para a prática e aprendizagem do maior número possível de atividades físicas que venham mais tarde ser continuadas espontaneamente, mesmo fora dos limites da esfera escolar*⁸.

Nos anos 40, a média de participantes era de 1.500 estudantes nas demonstrações públicas nos primeiros anos. Como foi apresentado no capítulo anterior, isto talvez devesse ao fato de a infraestrutura do Departamento não ter-se estruturado de maneira satisfatória. O espaço para a prática da Educação Física ainda estava se expandindo. Com a frequência cada vez maior de profissionais de Educação Física nas escolas, os cursos promovidos pelo DEFE-SP para professores leigos reforçavam a necessidade de se estabelecer um padrão de educação física entre aqueles que estavam nas escolas cuidando da educação do físico dos estudantes.

É possível inferir com base nos documentos do acervo que nos anos 50 a participação das escolas nos campeonatos colegiais teve um sensível crescimento. Se no ano de 1950 apenas 36,71% das escolas secundárias participaram dos campeonatos colegiais, nas demonstrações públicas o número de estudantes foi de 4.682 (quatro mil e seiscentos e oitenta e dois), sendo 1819 (um mil e oitocentos e dezenove) estudantes do sexo masculino e 2.863 (duas mil e oitocentos e sessenta e três) estudantes do sexo feminino, no ano de 1951 61,18% das escolas secundárias de São Paulo estiveram disputando o campeonato colegial, houve o acréscimo de mais de 100% no número de participantes das demonstrações que chegou ao número de 12.807 (Doze mil e oitocentos e sete) estudantes e no ano de 1952 53,44% do total de escolas participaram dos campeonatos, o número de participantes nas demonstrações foi maior que do ano

anterior, no total de 13.615 (treze mil e seiscentos e quinze) estudantes secundaristas (DEFE-SP, 1952).

O momento político vivido pelo país à época de sua atuação teria sido propício para a divulgação de suas idéias sobre Educação Física. Em particular, as escolhas metodológicas de Antonio Boaventura teriam sido pensadas como uma das formas para a formação do cidadão brasileiro.

Considerações Finais

Boaventura se articulava com outros professores de educação física para organizar os eventos públicos de educação física. Tais eventos funcionavam como uma espécie de *coroamento*, de desfecho das atividades pedagógicas de cada semestre. As datas comemorativas eram uma espécie de calendário dessas demonstrações de ginástica. Pode-se inferir que tais práticas passaram a compor as táticas propagandísticas da ordem ditatorial vigente. Nos anos 50 o envolvimento das escolas secundárias é significativo, a estrutura do Departamento estava estruturada, seu corpo de inspetores havia crescido, já na década anterior e como pôde se constatar acima, a adesão ao projeto do campeonato e das demonstrações tinha uma marca mais característica das escolas da capital.

Havia uma enorme mobilização, e para coordenar os trabalhos ocorriam ensaios gerais no campo do Pacaembu, ônibus para os estudantes, alojamento e refeições, reuniões com os professores para discutirem a apresentação e coordenar os ensaios. No acervo foi encontrada uma lista com os nomes de escolas e professores de Educação Física que participariam dos ensaios.

Em seus planos de trabalho quer fossem de um curso ministrado ou da disciplina na ESEF-SP se reproduzia o padrão de educação física que perseguia, pela dinâmica da aula e pelas situações em que o sujeito praticante estivesse envolvido seria posto em prova seu caráter e o mesmo deveria responder a altura do “desejável” hábito de um cidadão. Boaventura colocava que “tudo isso não será conseguido se não do trabalho, exemplo e sacrifício do professor...”. Um programa eficiente de educação física estaria em confluência com este conjunto de valores se as atividades programadas e planejadas do programa fossem “conduzidas de forma sucessiva, progressiva e sistemática (temporadas). Coroamento das temporadas – Competições, festivais (oportunidades oferecidas, conceito de disciplina, etc)”.

As temporadas não fariam sentido se não houvesse o encerramento de forma a por em prova o processo vivido pelo aluno e professor, assim, para Boaventura os campeonatos e demonstrações de ginástica seriam o “coroamento das temporadas”, ou seja, seria o momento para se avaliar a prática dos valores e “hábitos desejáveis” almejados durante as sessões, seria o momento oportuno em que o cidadão se mostraria, também apresentando o resultado de uma educação física que tem seu valor na educação.

A educação Física teria seu reconhecimento social, a partir do resultado de sua ação educativa que estava depositado no comportamento do atleta e exibicionismo do ginasta. Mostrando espírito de equipe, traduz-se cooperação e companheirismo, respeito às regras do jogo – honestidade, busca pelo resultado traduzido em combatividade. Na exibição de ginástica, a disciplina era o aspecto mais importante apresentado na exatidão das formações e na plástica do movimento em conjunto.

¹ Para maiores detalhes ver LOURDES, Luiz Fernando Costa. **Antonio Boaventura da Silva: o professor e suas concepções sobre a educação física nas décadas de 1940 a 1970**. Dissertação de Mestrado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da PUC-SP, 2007.

² Boaventura e sua esposa Elza Fleury foram responsáveis por conseguir recursos junto ao Secretário do Estado para trazer os professores palestrantes. Esta é uma das menções à esposa que o professor faz em seu depoimento gravado na entrevista para os professores Dr. Ademir Gebara, João Batista Andreotti Tojal, Pedro Stucchi Sobrinho na sala de congregação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp em 1980.

³ Anotações pessoais sobre o curso e uma cópia do ofício expedido em 28 de maio de 1951.

⁴ Op. cit.

⁵ Em anos anteriores, convencionou-se chamar de LINGÍADA o evento que reunia várias equipes de ginástica da Suécia e de países convidados para promover exposições públicas de coreografias gímnicas, tal evento foi organizado em homenagem a Per Henrik Ling, considerado o criador do método ginástico sueco, que havia criado um método de ginástica Escolar, ginástica preventiva e corretiva (medicinal) e por fim um método ginástico de preparo físico (militar), que foi difundido mundo afora.

⁶ Faço uma breve explicação do que seria este método, mas o leitor poderá ter mais esclarecimentos no segundo capítulo, em que será feita uma abordagem mais profunda desse modelo, que serviu para o reordenamento da prática pedagógica de muitos professores de Educação Física em São Paulo e no Brasil. O método preconizava que as aulas deveriam buscar uma formação integrada do indivíduo, respeitando os limites de faixa etária, atendendo aos diferentes níveis de habilidades dos alunos, bem como o principal tema era o esporte e suas benesses. Este modelo foi apropriado de modo duradouro, de maneira que encontramos vestígios de suas bases na Educação Física atual, em que o conteúdo esportivo é privilegiado, sendo que outros conteúdos, como a ginástica, a dança, o jogo e as lutas, são ignorados ou mesmo esquecidos, nas aulas de Educação Física.

⁷ A Gazeta – São Paulo - Sábado, 26 de outubro de 1946.

⁸ A Gazeta – São Paulo - Sábado, 26 de outubro de 1946.

Bibliografia

BETTI, Mauro, 1991. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: Editora Movimento.

BOBBIO, Norberto, 1997. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP.

BONTEMPI JR, Bruno, 2001. *A cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos de 40 e 60: UM estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História e Filosofia da Educação, PUC-SP.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. 1998. *Molde Nacional e Fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF.

CASTELLANI FILHO, Lino. 1994. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus.

CÁPARROZ, Francisco Eduardo. 1997. *Entre a Educação Física da Escola e a Educação Física na Escola: A Educação Física como componente curricular*. Vitória/ES: UFES, centro de Educação Física e Desporto.

FERREIRA NETO, Amarílio. 1999. *A pedagogia no exército e na Escola: a Educação Física brasileira (1880-1950)*. Aracruz/ES: FACHA.

GNECCO, José Roberto, 2005. *A reforma universitária e a USP: a integração da Escola de Educação Física em 1969*. Tese de Doutorado em Educação, área de concentração História da Educação e Historiografia da Faculdade de Educação, USP.

GRUNENVALDT, José Tarcísio. 1998. *O estado, os sujeitos políticos e a criação da Escola nacional de Educação Física e Desportos: a História de uma Hegemonia*. In Amarílio Ferreira Neto (org.) *Pesquisa Histórica na Educação Física*. Vol 3, Aracruz, ES: FACHA, pp. 96-123.

HORTA, José Silvério Baía. 1994. *O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

SÃO PAULO, Legislação estadual de. Decreto no. 6.583 de 1o. de Agosto de 1934 – Aprovação do regulamento do Departamento de Educação Física. Decreto no. 4.855 de 27 de janeiro de 1931 – Criação do Departamento de Educação Física.

Decreto no. 6.440 de 10 de Maio de 1934 – Restabelece o Departamento de Educação Física.

SÃO PAULO, Departamento de Educação Física e Esporte do Estado de, 1966- Ficha Funcional do Sr. Antonio Boaventura da Silva.

LINHALES, Meily Assbú. 2006. *A produção de uma forma Escolar para o Esporte: os projetos culturais da Associação Brasileira de Educação (1926-1935) como indícios para a historiografia da Educação Física in* Taborda Oliveira, Marcus Aurélio. (org.). *Educação do corpo na Escola brasileira*. Campinas: Autores Associados.

MASTROROSA, Adriano. 2003. *Departamento de Educação Física, Escola Superior de Educação Física e Associação de Professores de Educação Física: O ordenamento da Educação Física no estado de São Paulo no início da década de 1930*. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade, PUC-SP.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (2002). *Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): história e historiografia*. In, *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n. 1, p. 51-75, jan/jun.

SANTOS, Jorge Artur dos. 2005. *Os intelectuais e as críticas às praticas esportivas no Brasil (1890 – 1947)*. Dissertação de Mestrado, FFLCH, História/USP.

SIRINELLI, Jean- François. 2003. *Os intelectuais*. In: *Rémond, Renè (Org.) Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ, pp. 231-269.

SIRINELLI, Jean- François. 1996. *As elites culturais*. In: Rioux, Jean- Pierre & Sirinelli, Jean-François (dir.) *Para uma história cultural*. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Estampa, pp. 259-279.

SOUZA, Eustáquia Salvadora. 1994. *Meninos à marcha, meninas à sombra*, Tese de Doutorado da Faculdade de Educação da UNICAMP.

SOUZA, Rosa Fátima de. 1999. *Tempos de infância, tempos de Escola: a ordenação do tempo Escolar no ensino público paulista (1892-1933) in Educação e Pesquisa*, v. 25, São Paulo, jul-dez.

SOARES, Carmem Lúcia. 2001. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. 2.ed.rev – Campinas, SP: Autores Associados.

THOMPSON, E.P. 1981. *A miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar.

_____. 1997. *Uma visita às escolas do Rio Grande do Sul - Guts Muths, Jahn e Spiess*. Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, Maceió.

WARDE, Mirian Jorge. 2003. *O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação*. In *Revista Brasileira de História da Educação*. no. 5, jan/jun, São Paulo/SP, pp 125-167.

Acervo pessoal do Professor Antonio Boaventura da Silva.